Comentários e reacções: opiniao@diariocoimbra.pt

A PROPAGANDA FEROZ



RICARDO CORREIA DE MATOS
PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO DA SECÇÃO REGIONAL DO CENTRO DA ORDEM DOS ENFERMEIROS

A história tem tendência a repetir-se. Em 1975, o Partido Socialista pugnava por uma sociedade sem classes e na qual o marxismo era visto como uma inspiração teórica predominante, embora sem se assumir como a missão final, ao contrário da visão de Álvaro Cunhal e do seu Partido Comunista. Mário Soares nunca abdicou de defender a via democrática e eleitoral para o acesso ao poder. A linha vermelha estava fixada. Quem ganha eleições, governa.

Ao longo das últimas décadas, de forma subtil, lenta e programada, os sucessivos governos transformaram o tão desejável Estado social num Estado assistencialista. Uma sociedade construída na subsidiodependência, sem reconhecer o mérito e a competência, desprezando a iniciativa individual, comprimindo ao máximo a diversidade de classes e destruindo o que de melhor a humanidade tem: esperança numa vida melhor.

Não nos iludamos. Esta realidade foi útil a todo o arco da governação. À esquerda, porque conquista os votos dos pobres, ludibriando-os com a cruzada contra os ricos. À direita, porque usufrui de mão-de-obra barata para o capitalismo selvagem. Um verdadeiro pântano, onde quem perde são as pessoas.

As pessoas são o verdadeiro fim da política, que hoje se vê confundida com o poder. O Partido Socialista transformou a política portuguesa num exercício de pura propaganda. Ganha eleições quem mais promete, quem melhor comunica, quem mais capas de jornais e aberturas de telejornal consegue. Era o Infarmed no Porto, o Tribunal Constitucional em Coimbra. São os médicos de família, os computadores na escola, as leis laborais, o investimento no SNS, os impostos sobre os combustíveis. Tudo matérias demasiado importantes para serem manipuladas conforme a conveniência. As políticas públicas não podem ser definidas pela cor política dos seus intervenientes, nem dos seus beneficiários. A responsabilidade colectiva de um Governo deve estar acima de qualquer interesse individual ou partidário. São exactamente estes jogos de poder que alimentam as ideologias extremistas e contribuem, decididamente, para a destruição da democracia.

Este é o momento de parar, reflectir e decidir. Temos pela frente uma oportunidade ímpar. Mas circunstâncias extraordinárias exigem pessoas extraordinárias. Enquanto os partidos se debatem ideologicamente, as pessoas continuam a viver em sérias dificuldades.

Um líder político que deseje verdadeiramente fazer a diferença não pode perder mais tempo a combater ideologias. A verdadeira luta é com a realidade da vida das pessoas.